

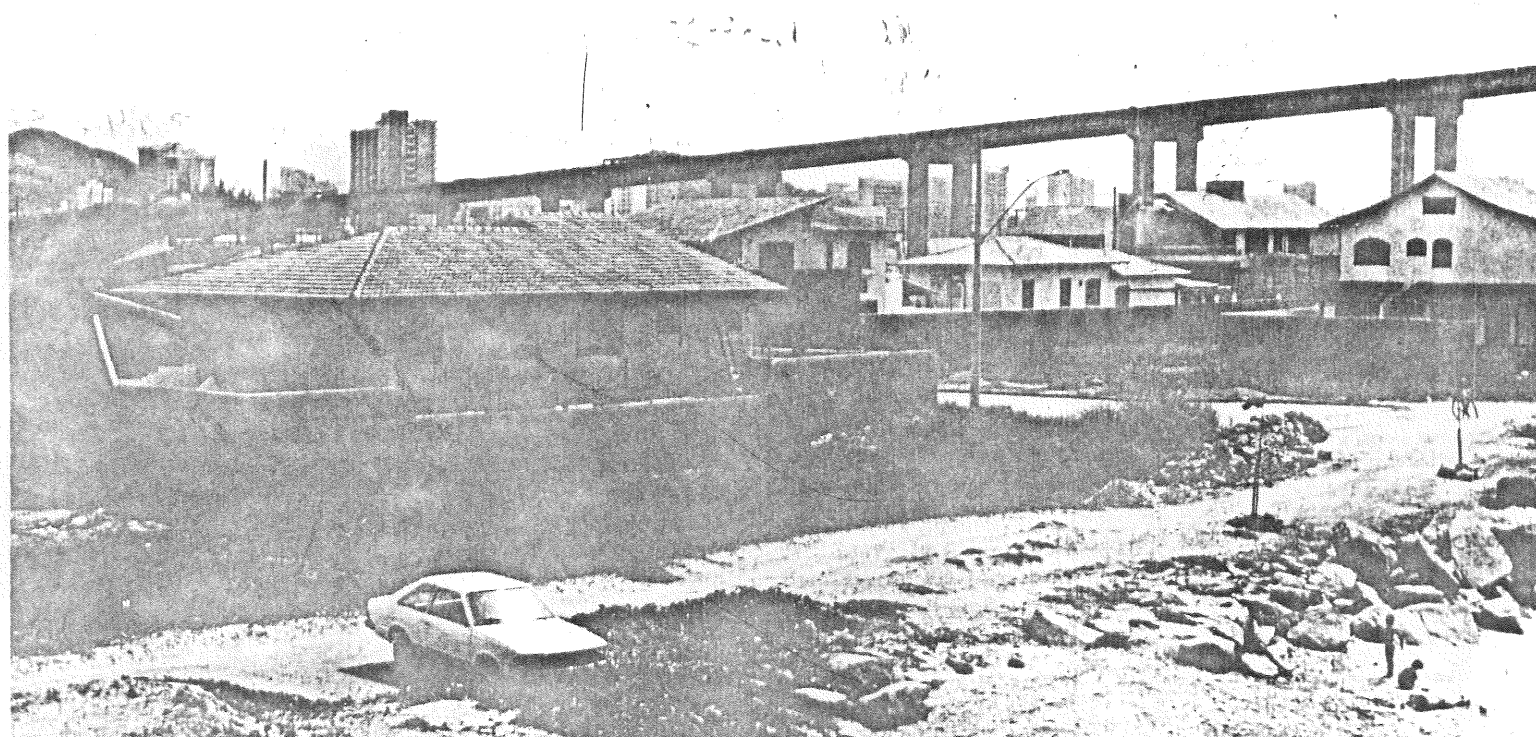
# Aterro do Suá já é novo bairro de luxo

Fotos Joaquim Nunes

Até bem pouco tempo, a parte leste do aterro da Praia do Suá, nas imediações da macabada Terceira Ponte, não passava de um grande terreno baldio. Nos últimos cinco anos, entretanto, a paisagem transformou-se totalmente, dando lugar a um bairro de classe média-alta. Nem mesmo a possibilidade futura de poluição sonora, provocada pelo tráfego na Terceira Ponte — cuja parte já construída corta o bairro ao meio — está afugentando os proprietários. Ao contrário, acreditam eles que com a ponte, haverá maior valorização imobiliária.

O bairro ainda não tem nome definido, sendo denominado pelos moradores de "finalzinho da Praia do Suá". Ao todo já existem 23 casas construídas, todas habitadas, outras dez em obras e vários lotes delimitados com piquetes ou murados. O metro quadrado de terreno está custando em média Cr\$ 10 mil, com valorização ascendente — em 1979 estava em torno de dez por cento do atual valor. As casas são todas em estilo colonial sofisticado ou moderno, pertencentes, na sua maioria, a médicos, engenheiros, advogados, e funcionários graduados da CST.

A descoberta e consequente ocupação do "Finalzinho da Praia do Suá" foram semelhantes ao que aconteceu com as ilhas do Boi e do Frade: a burguesia capixaba queria um novo espaço para morar longe — e ao mesmo tempo perto do Centro de Vitória — tendo o mar à sua porta. E a parte Leste da Praia do Suá oferecia isso tudo, além de os terrenos estarem baratos naquela época. A especulação imobiliária havia descoberto uma mina de ouro e em



A explosão imobiliária não respeita sequer as obras da Terceira Ponte

pouco tempo a valorização estava garantida.

Rapidamente nasceu um bairro com casas suntuosas, com piscinas, jardins suspensos e até condomínio fechado. Pressionada, a Prefeitura Municipal de Vitória teve que proporcionar o calçamento e a iluminação pública, mas suas obras detiveram-se na avenida principal, estando hoje ainda muitas ruas sem pavimentação, cobertas apenas com areião providenciado pelos próprios moradores. O abandono das ruas e a ausência de coleta de lixo — acumulado em montes à frente das residências — fazem contraste com a suntuosidade das casas.

Mas nem mesmo isso desestimula os moradores, que acreditam ser o "finalzinho da Praia do Suá" o melhor lugar para se morar. Também pudera, o mar fica a menos de 500 metros das casas mais distantes, formando uma enseada particular, onde as crianças podem brincar sem correr o risco de serem atropeladas por carros ou bicicletas, além de prometer um bronzado permanente durante todo o ano e uma pescaria despreocupada à noite. Para Ítalo Geovani Castellani — primeiro morador do bairro — o "finalzinho do Suá é o lugar onde se pode viver bem".

Segundo Ítalo, nem mesmo o tráfego

intenso que se formará após a inauguração da Terceira Ponte prejudicará o bairro. "Ao contrário, acredito que valorizará muito mais, pois estaremos bem mais perto de Vila Velha". Ítalo não acredita que a Terceira Ponte seja terminada nos próximos dois anos. "Portanto é um problema para se pensar daqui a algum tempo. Por enquanto, é viver o que o lugar oferece". De mesma opinião foi a moradora Orly Cardoso, acrescentando que a "ponte não vai prejudicar nossos ouvidos. O barulho deverá ser absorvido pelas montanhas".

Dona Orly mora numa das casas mais próximas da Terceira Ponte. Corre o risco, inclusive, de receber no teto de sua casa algum carro que cair da ponte. Mas isso não a preocupa: "Não acredito que a ponte saia logo, e quando ela sair, dá-se um jeito de mudar de casa se o risco for mesmo muito grande, o que não acredito que seja".

Também não acreditando no término da Terceira Ponte ou talvez querendo utilizá-la como cenário extra, está em construção uma casa bem debaixo de um dos pilares da ponte. Se se levar em consideração o aspecto pitoresco, poderá se dizer que rico também mora debaixo de ponte, literalmente. Os vizinhos não sabem a quem pertence a casa em construção, mas já o taxaram de louco. Pelo

menos foi a esta conclusão que chegou a moradora Flávia Couto: "Qualquer carro que despencar da ponte cairá sobre aquela casa. É muita loucura morar lá debaixo assim". As obras da casa, segundo os vizinhos, estão paralisadas há dois meses e, além da placa de construção que especifica o número de registro do engenheiro responsável, nada mais a personifica.

O estilo de construção parece que acompanhará os das demais casas do bairro, embora somente esteja com as paredes levantadas e parte do teto concluído, tendo sido algumas janelas e portas já colocadas. Próximo há mais dois lotes à venda, que não estão totalmente debaixo da ponte, mas seus proprietários correrão o mesmo perigo, sem falar no barulho de tráfego. Os dois lotes estão sendo vendidos juntos ao preço de Cr\$ 5.600 milhões — a área é de 864 metros quadrados. Até ontem à tarde não havia aparecido comprador, estando a oferta sendo feita há mais de três meses.

Mesmo sendo um bairro de classe-média-alta, o "finalzinho do Suá" apresenta os mesmos problemas que qualquer outro. A grande preocupação da população residente é a ausência de transporte coletivo. Segundo Orly, "não dá

para levar as crianças todos os dias a escola de carro, se não fosse a Kombi escolar que passa todos os dias, não sei como faria". De mesma opinião foi Ítalo, esclarecendo que antes do início da construção da Terceira Ponte "havia uma linha de ônibus que cortava o bairro. Mas depois dela, somente restaram os ônibus que servem a Ilha do Boi que, além de serem muito demorados não atendem às necessidades de todo o bairro".

Segundo Ítalo, diversos abaixo-assinados já foram enviados à Prefeitura Municipal de Vitória e ao Departamento Estadual de Trânsito (Detran) para os quais as respostas são sempre as mesmas: "As empresas não se mostram interessadas em colocar uma linha, pois não há demanda populacional suficiente", no que em parte têm razão, pois os jovens acima de 15 anos, todos têm sua motoneta ou motocicleta, as crianças menores são levadas a escola pelos pais, em carros particulares, assim como todas as donas-de-casa têm seu próprio veículo, a exemplo de seus maridos.

Um outro problema que preocupa os moradores é a inexistência de um plantão policial. "Nossas casas são muito cobichadas pelos assaltantes, embora não tenha sido registrado nenhum caso de roubo, nos últimos três meses", disse Orly, acrescentando que todos os cuidados são tomados: ninguém sai à noite, sem companhia, ou deixando a casa vazia. Todas as casas são providas de sistema de alarme, assim como todos os carros. Na maioria das casas, além da proteção eletrônica, há muitos cães soltos pelo quintal.



Orly: "Se a ponte sair a gente se muda"



Ítalo: "Bom lugar para se viver"